



**AMAZÔNIA NO PLURAL: RELIGIÕES,  
FRONTEIRAS E IDENTIDADES**

I SIMPÓSIO NORTE DA ABHR  
IX SEMANA DE HISTÓRIA DO CESP/UEA  
I FAZENDO ARTE NORTE

**CIÊNCIA E FÉ NO FILME  
“A PONTE DE SAN LUIS REY”**

GT 3: RELIGIÃO E CIÊNCIA: TENSÃO, DIÁLOGO E SINCRETISMOS

Leila Marrach Basto de Albuquerque<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais: Sociologia e Política. Professora aposentada do Departamento de Educação Física da UNESP – Rio Claro e pesquisadora do Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP – São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Estudos Religião e Sociedade” da PUC-SP. E-mail: leilamarrach@uol.com.br.

## Abertura

Quero tratar nesta comunicação dos temas ciência e fé que conduzem a narrativa ficcional do filme “A ponte de San Luis Rey” (McGUCKIAN, 2004). Inspirado no livro de Wilder (2002), ambos encarnam exemplarmente aqueles dois modos de conferir sentido aos acontecimentos deste mundo.

De início apresento brevemente o enredo e seus personagens principais, depois o debate entre ciência e fé por meio de fragmentos do diálogo entre dois religiosos extraído do filme (McGUCKIAN, 2004), para em seguida descrever as diferentes epistemologias que sustentam os dois temas e, finalmente, refletir sobre o monopólio da verdade.

Em Lima, Peru, no ano de 1714, cinco pessoas de diferentes idades e posições sociais morrem tragicamente quando a ponte San Luis Rey, que levava de Lima a Cuzco, se rompe. Era uma ponte de vime, balouçante e suspensa sobre um despenhadeiro, construída pelos antigos incas. Frei Junipero, franciscano, testemunha ocular da tragédia e que poderia ter morrido no acidente, profundamente abalado, indaga sobre os motivos divinos dessas mortes (McGUCKIAN, 2004):

**Frei Junipero:** *Se houvesse qualquer plano no universo, qualquer padrão para a vida humana, poderia certamente ser encontrado, misteriosamente latente naquelas vidas tão subitamente terminadas. Ou vivemos ao acaso e morremos ao acaso. Ou vivemos segundo um plano e morremos segundo um plano. [...] Por que terá isso acontecido àqueles? Por que não a mim?*

Esta dúvida acompanha obsessivamente o religioso que por seis anos investiga, através de documentos escritos e entrevistas de porta em porta em Lima, a vida das cinco vítimas: a marquesa de Montemayor, a noviça Pepita, o índio Esteban, a artista de teatro La Pericholle, Tio Pio, seu tutor, que levava o pequeno infante, Don Jaime, filho de La Pericholle. A busca do frei é conduzida pela variável “amor” e o resultado dos seus esforços é publicado em um volumoso livro que reconstitui a vida íntima, o comportamento e os laços entre essas pessoas, mas não apresenta nenhuma conclusão sobre as intenções de Deus ao levá-las juntas para o abismo. Porém, o seu empenho é considerado um desafio à fé e ele é levado ao tribunal da Inquisição.

Essa história é narrada em *flash back* através de um belíssimo debate entre o Arcebispo do Peru e frei Junipero, durante o julgamento do religioso. Fica-se, então, sabendo que esta não é a primeira vez que o frei se aventura em investigar acontecimentos em busca de verificação dos fatos. Ele havia sido desafiado, no passado, por um amigo, professor na Universidade de San Mar-

tin, que desiludido e amargurado com a vida, afirmava que o mundo não seguia uma intenção, não era guiado por coisa alguma. Desde então, o religioso empenha-se em buscar nos fatos a prova das intenções de Deus (WILDER, 2002), aliás, uma questão perene: o sentido da existência.

Anteriormente procedera a um registro completo de orações para fazer chover procurando verificar seus efeitos e, em outra ocasião, quando a aldeia de Puerto foi assolada pela peste, investigou as características de 15 sobreviventes, organizando esses dados em uma tabela. Um fragmento desta tabela é exibido pelo Arcebispo aos presentes durante o seu julgamento.

A falta de respostas consistentes às suas buscas o faz considerar que há uma grande discrepância entre fé e os fatos e mesmo quando encontra coincidências, fica em dúvida se haveria uma intenção divina nos acontecimentos ou se se trataria apenas de acaso.

Tanto o livro (WILDER, 2002) como o filme (McGUCKIAN, 2004) expõem os contrastes entre fé e razão que se pode apreciar no diálogo entre os dois religiosos.

### **Ciência e fé no Tribunal da Inquisição**

Os procedimentos de frei Junipero já ficam evidentes na sua fala, citada anteriormente, quando expõe sua dúvida acerca de haver ou não um plano ou padrão, como ele diz, para a vida humana. A dúvida metódica já está inoculada no seu espírito, mas com vistas a descobrir as intenções divinas. Esta incerteza anima suas inquietações e o impele a buscar informações sobre as vítimas da tragédia. Imbuído de um corajoso voluntarismo cognitivo, vai à procura de respostas para compreender os desígnios de Deus. O diálogo entre o frei e o Arcebispo, travado no Tribunal da Inquisição, ilustra claramente os modos antagônicos de conferir sentido aos acontecimentos, a fé e a ciência (McGUCKIAN, 2004):

***Arcebispo:** As catástrofes são mais que frequentes em nosso país e afrontosamente apelidadas de “Atos de Deus”. As ondas gigantes levaram cidades inteiras à sua frente. Todas as semanas há um tremor de terra em qualquer sítio. E doenças que constantemente aparecem e desaparecem. A velhice nos vai levando alguns dos mais admiráveis cidadãos. E os percalços não param de assediar os bons homens e mulheres. Mas todos ficamos profundamente impressionado e especialmente comovidos pelo ruir da Ponte de San Luis Rey.*

***Frei Junípero:** A ponte parecia ser uma daquelas coisas que duram para sempre. Era impensável que simplesmente se partisse. Por isso resolvi pesquisar a vida secreta dessas cinco pessoas que despencaram no ar naquele instante. E compreender as razões de sua partida. Durante seis anos fiz centenas de perguntas. Cataloguei milhares de pequenos fatos, curiosidades e testemunhos com o máximo de rigor que fui capaz.*

**Arcebispo:** *Pura violação da fé!*

**Frei Junípero:** *É apenas um livro de descobertas. Nada de sinistro. Os simples fatos dessas vidas solitárias, tão tragicamente terminadas [...] anotei apenas as características únicas desses retratos preciosos.*

**Arcebispo:** *Pareceu-vos, não é verdade, Frei Junípero, que já era altura de a teologia tomar o seu lugar entre as ciências exatas? Que o que vos faltara para isso fora um laboratório? Um puro “Ato de Deus”? E que a derrocada da Ponte de San Luis Rey fornecia o “controle” perfeito? Julgaste que aqui, finalmente, poderíeis surpreender os desígnios de Deus?*

**Frei Junípero:** *A coincidência confundiu a razão em todos os aspectos dessa diligência. Também o destino desenrola de forma caprichosa o acontecimento aparentemente mais inconsequente.*

**Arcebispo:** *Tais ridicularias abrigam a falsa noção de um mundo conduzido e encorajam aqueles que se regozijam com a convicção de que muito está errado no nosso mundo.*

**Frei Junípero:** *Precisamente a razão porque persisti no projeto. Para explicar porque razão tais histórias não representam qualquer estorvo para a fé. [...] As coincidências eram tão extraordinárias que teríamos de suspeitar que houvera uma intenção.*

**Arcebispo:** *[...] podemos agora ver claramente como este plano de Frei Junípero tencionava lançar sementes de um perfeito ceticismo. É totalmente evidente. Como plano assemelha-se aos esforços das almas presunçosas, que querem percorrer os caminhos do céu e que constroem torres de Babel para chegar lá. Para o nosso Franciscano, o nosso Tomás, a fé não era suficiente. Ele queria provas irrefutáveis da mão de Deus. Provas históricas. Provas matemáticas. A dúvida está sempre presente, mesmo em países onde a Inquisição pode ler os pensamentos nos nossos olhos. [...] O livro, uma vez feito deve ser julgado e declarado herético, e dessa forma desfeito. Afirmo à vossa Graça... à Inquisição, que frei Junípero foi manipulado para fazer o trabalho do diabo. Que seu livro, este volume, é herético e deve ser declarado, pelo mal que fez, como obra do diabo. Assim, todos os exemplares ainda existentes devem ser queimados ao amanhecer, juntamente com o seu autor.*

**Frei Junípero** [mais tarde na prisão]: *Será este o desígnio de Deus? O padrão que me escapou nas vidas daqueles cinco que morreram continua a desconcertar-me.*

---

## Epistemologias

O diálogo apresentado mostra duas epistemologias diferentes, a fé e a ciência como caminhos para conferir plausibilidade às experiências humanas. Epistemologia aqui entendida como os recursos

e dispositivos consensuais e considerados legítimos para produzir conhecimento, definidos por cada campo, que envolvem definições de homem e de realidade (ALBUQUERQUE, 2003). São racionalidades próprias e específicas.

De início, é necessário sublinhar que Junipero não era um rebelado e seu empenho visava a fortalecer a glória da Igreja e a fé na alma dos homens (WILDER, 2002, p.89). Mas precisava de testemunhas, uma que fosse. Precisava de provas. Assim, empenha-se em encontrar plausibilidade para a morte das cinco pessoas que passaram pela ponte, como em outras ocasiões que o desafiaram, e para tal segue um caminho que tem todos os requisitos de uma investigação científica. Mas é importante lembrar: procede assim para compreender os desígnios de Deus. Foi assim nos primórdios da ciência, nos ensinam os livros de história (FOUREZ, 1995). Talvez o arcebispo já suspeitasse que no futuro, tais desígnios seriam abandonados e substituídos pelas “leis” científicas.

O impulso que move Junipero reside em um voluntarismo cognitivo que o faz procurar as evidências empíricas para a fé. E sua hipótese é a de que o mundo responde a uma ordem divina. Para ele há um “mistério latente” que o impulsiona a desvendar os desígnios de Deus. Isto é: como exige a epistemologia da ciência, é preciso ir à busca da essência dos acontecimentos, superando a sua aparência confusa e ilusória presente na diversidade do mundo sensível. Para tal há um Método: a coleta dos dados em todas as fontes disponíveis, como ele fez: documentos, entrevistas e resgate da biografia das vítimas. Ele bate de porta em porta em busca de informações, um verdadeiro trabalho de campo. Em seguida, organiza esse material a partir de algumas variáveis em busca de regularidades, as coincidências que identificou. No caso da ponte, a variável foi o amor. Em suas outras investidas foram bondade, devoção e utilidade. Todas elas valores que não afrontam o universo católico; pelo contrário, lhe são próprias.

A procura de regularidades atende a outro requisito do método científico, o de lidar com aspectos da realidade que pudessem ser medidos, quantificados e permitissem identificar uma ordem divina para o mundo. Frei Junipero estava em busca da comprovação da sua hipótese. Como vimos, não encontrou suas provas, nem neste caso e nem em outros.

Já o arcebispo quer resguardar a fé. O que é a fé? Com a palavra os teólogos católicos, mas com a ressalva de que o tema da fé, como outros, tem seus constrangimentos históricos.

Para Fragoso (1975, p. 19): “‘Confiar’ é uma atitude de fé, enquanto é o dom de si, sem reservas àquele a quem se acredita”. Defendendo a prioridade ou o primado da fé para o exercício do conhecimento, afirma: “A razão humana, para que entre em operação, necessita de um despertar. Esse despertar não acontece sem mais. Ele nasce de um ato de fé. É a partir de um ato de

fé que o homem busca a compreensão e a inteligência do mundo e a si mesmo” (25). Mas, continua este autor, ainda: “Jamais Deus se deixará captar pela organização e pelas exigências do homem. [...] Mas a condição privilegiada para uma experiência de fé divina parece ser sempre a tomada de consciência das limitações em que efetivamente se encontra o homem” (28).

Assim, para Fragoso a fé é ao mesmo tempo entrega e pressuposto para a busca de conhecimento que sempre expressará as limitações humanas.

Ao tratar do histórico embate entre teologia ciência, Libânio (2011, p. 5) recorre a São Tomaz de Aquino e afirma: “o problema centra-se na salvação à qual o ser humano se ordena. Fim que lhe excede a compreensão racional. Para ser conhecido previamente, carece de que Deus lho revele”.

### **Desfecho: o direito ao monopólio da verdade**

A disputa entre os dois religiosos não se encontra no tipo de verdade que se espera encontrar, isto é, a salvação da alma, a existência de Deus ou a grandeza da Igreja, mas no caminho, no método para se chegar à verdade. De um lado, o voluntarismo cognitivo, o otimismo do frei em relação à capacidade do homem para encontrar as respostas para suas inquietações e, de outro, os limites impostos pela fé na palavra da Igreja dada pela revelação. São epistemologias com noções de sujeito e de realidade distintas. No primeiro caso, tem-se o sujeito livre para produzir conhecimento; no segundo, ele é impotente e o conhecimento lhe é dado pela instituição. Também, no primeiro caso, a realidade pode se mostrar através de certos procedimentos rigorosos disponíveis a todos os homens e, no segundo, ela não só ela é imperscrutável como é vedado aos homens investigá-la.

Quais as consequências de cada caminho para a verdade? Não as há, pois ela continua intacta. Mas o frei introduz a dúvida, uma heresia que lhe dá liberdade para procurar as respostas e, neste processo, tira das mãos da instituição religiosa o direito legítimo de definir o que é certo ou errado, o que é o mundo e como ele deve ser, enfim, o seu monopólio da verdade e os caminhos para adquiri-la.

### **Referências Bibliográficas e fontes:**

ALBUQUERQUE, Leila Marrach B. de. **Sujeito e realidade na ciência moderna**. São Paulo: Anablume, 2003.

SILVEIRA, Diego Omar; BIANCHEZZI, Clarice; TENÓRIO, Adriano Magalhães; REIS, Marcos Vinícius Freitas (org.). *Anais do I Simpósio Norte da ABHR e IX Semana de História do CESP/UEA: Amazônia no plural: religiões, fronteiras e identidades*. Juiz de Fora: ABHR/ Plura, 2017.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

FRAGOSO, José (Frei Domingos). “Fé: relativização e superação das auto-interpretações”. In: **Cadernos do ISER**. Rio de Janeiro: ISER, n. 3, pp. 19-28, 1975.

LIBÂNIO, J. B. “Teologia e Ciência”. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, fasc. 281, p. 4 - 16, jan. 2011.

McGUCKIAN, Mary. **A ponte de San Luís Rey**. Filme DVD. Legendado, Imagem Filmes, 119 min., Reino Unido, Espanha, França: 2004

WILDER, Thornton. **A ponte de São Luís Rey**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.